

ORGANIZEMO-NOS

Do lado dos soldados, dos marinheiros, dos Oficiais das Forças Armadas, do lado das forças democráticas anti-fascistas e do todo o povo português, os estudantes de Coimbra, apoiam o programa do Movimento das Forças Armadas, saudam a Junta de Salvação Nacional e participaram massivamente em todas as manifestações da população de Coimbra convocadas sob aquelas bandeiras, como sucedeu no dia 1º de Maio.

Os estudantes, com o povo trabalhador, exigem o fim da guerra colonial, o regresso dos soldados e o início imediato de negociações com os Movimentos de Libertação, e assumiram as responsabilidades criadas e tornadas possíveis pelos eventos revolucionários em curso, de transformarem em consequência toda a vida Universitária e estudantil herdada do fascismo.

Portugal já é outro país e a Universidade Portuguesa já é outra Universidade e dia após dia a consciência política dos estudantes e de todos os portugueses formula com maior clareza as transformações mal adivinhadas pelas quais passaremos a ser responsáveis. A consciência política faz-se na prática, nas conquistas e nas transformações históricas, isto é, a consciência do futuro aqui e agora agindo em consonância com os objectivos do movimento popular e militar, tornando-o irreversível, liquidando o peso residual do fascismo, peso também existente na nossa consciência para a acção.

Resalta com nitidez o aspecto central das transformações da Universidade em que os estudantes estão primariamente implicados. Tratou-se de liquidar a gestão Universitária fascista, tratou-se de pôr a pé a nova gestão Universitária que o processo Revolucionário exige. Soluções provisórias, sem dúvida, mas soluções que contêm já as gérmen das soluções futuras.

As medidas já tomadas para dirigir as faculdades provisoriamente, cristalizam alterações fundamentais expressas no princípio da paridade entre professores e estudantes e funcionários na gestão e no controlo democrático por Assembleias Gerais da Faculdade com estudantes professores e funcionários. Estas alterações que os sectores fascistas da Universidade, mais ou menos camaleões particularmente no corpo docente algumas Faculdades, tentavam e dificultam.

Todos os estudantes devem estar particularmente vigilantes contra essas manobras, venham elas donde vierem.

Mudar rapidamente os métodos fascistas de gestão para novos métodos democráticos, eis a chave para a decisão de todo o processo de transformação futura do ensino superior.

Uma outra questão política importante entronca com o problema da gestão. Trata-se, a nível geral, de provar imediatamente que as estruturas democráticas sabem e podem funcionar, trata-se de provar que essas estruturas, apesar de provisórias e em criação funcionam melhor que as estruturas fascistas. Politicamente exprime-se esta questão pela necessidade de apoiar a Junta de Salvação Nacional e no Futuro Governo Provisório na tarefa de destruir a máquina fascista e de construir o Portugal Futuro, isto é, para já, a tarefa de fazer cumprir integralmente o programa do Movimento das Forças Armadas.

As comissões de gestão provisórias devem funcionar desde já e devem funcionar eficazmente. Na sua formação e no seu funcionamento, devem-se ter em conta, além da prática democrática, estas exigências políticas, devem

utilizar-se soluções flexíveis e simplificadas, não burocráticas (o que nem sempre tem acontecido) que facilitem a sua tarefa.

Não dificultar o trabalho das comissões de gestão, exigir eficiência nas suas tarefas, defendê-las, esta é uma das lições políticas principais de todos os estudantes anti-fascistas.

A activação da discussão dos problemas dos cursos são ações também importantes mas devem sempre secundar aquela tarefa prioritária e não dificultá-la. São de combater todas as tendências que conduzam à anarquização e descoordenação das iniciativas particulares e setoriais. Defender a Unidade a todos os níveis. Em momento em que todos os estudantes de Coimbra sabem bem quais os pontos de unidade política, importa fundamentalmente defender as grandes Assembleias de Assembleia da Faculdade, e a Assembleia Magna, onde esses pontos de Unidade e uma eventual posição anti-Unitária possam ressaltar nitidamente.

A Comissão Democrática dos Estudantes de Coimbra toma uma firme posição de denúncia dos grupúsculos responsáveis por tentativas de tropaçar na Assembleia de neste como no curso da última Assembleia Magna, considerando essas actuações objectivamente provocatórias, pois apenas servem os interesses da camarilha fascista e contra-revolucionária. A Comissão Democrática dos Estudantes de Coimbra alerta todos os estudantes para a necessidade de defenderem o movimento estudantil nessa s ações.

Professores e estudantes anti-fascistas estão unidos neste momento em torno de pontos essenciais. Essa unidade deve ser preservada a todo o custo e não deve ser obliterada por questões menos importantes, que aliás ainda são resíduos da Universidade Fascista.

Normalizar a vida académica, normalizá-la gradualmente, é claro, pois muitas soluções precisão do tempo para serem encontradas. Normalizar a vida académica é, desde já, retirar a capacidade de manobra dos fascistas, é abrir caminho para extripar definitivamente e totalmente o cancro fascista da Universidade e transferi-la. Normalizar a vida académica coordenando as soluções urgentes e as principais com as menos urgentes e as de menor importância.

Continuam a existir na Universidade tendências reaccionárias muitas vezes por rápidas e repentinas viragens de opinião que é necessário denunciar e para as quais é preciso estar extremamente atento. Assim, a nível estudantil não são só as "olandestinas" inscrições feitas nas paredes "Viva Marcelo Caetano" mas também o surgimento de tendências libertistas, incapazes de compreender o actual momento político e as perspectivas que se abrem aos estudantes, que tentam ancorar o movimento nas "corporativismo" restrito, incapazes de ultrapassar as pequenas e imediatas reivindicações pedagógicas de cada curso, incapazes de compreender um processo de uma dimensão que deve ser visto à escala das faculdades de toda a Universidade e de todo o País. Essas tendências são tanto mais perigosas quanto jogam com a falta de prática, quer nas massas, quer na vanguarda de um trabalho adaptado às novas condições.

A possibilidade de livre reunião, informação e discussão política vai contra o hábito de valorizar as mínimas estruturas organizativas e as mínimas lutas reivindicativas que sob as duras condições do fascismo tinham uma outra dimensão e bastante importância, hábito esse que agora pode constituir entrave a um processo que é necessário desenvolver rapidamente.

Mas não é talvez a nível estudantil que o problema da neutralização do fascismo se coloca com mais agudeza mas sim em relação com numerosos professores mais ou menos comprometidos com o anterior regime e com a sua ideologia e crimes. Há que dar a este problema a devida importância, não o confundindo com a exigência da demissão das autoridades fascistas que constitui uma necessidade essencial, não caindo em posições de puro revanchismo pessoal, mas analisando politicamente cada passo concreto e resolvendo-o conforme as condições do momento.

É necessário tomar ainda em consideração que o problema dos professores fascistas se liga directamente com o conteúdo do ensino que nos é ministrado e com o seu caracter muitas vezes anti-científico e extremamente reaccionário sendo este um dos problemas a que as comissões de gestão terão de passar a responder em colaboração com os alunos dos cursos. Neste sentido é correcta a posição dos estudantes do 3º ano de direito ao declararem extinta a cadeira de Colonial e decidirem transformarem as aulas em debates sobre o colonialismo.

Independentemente de todas as decisões a tomar futuramente sobre esse problema, existem medidas que terão de ser tomadas imediatamente em relação áquelles professores cujo ensino, cujas arbitrariedades e cuja vida politica os tornaram extremamente odiosos aos olhos dos estudantes de tal forma que com o seu afastamento é impossível garantir o normal funcionamento da vida Académica. É necessário portanto suspender desde já a actividade docente de certos professores e inquirir da sua responsabilidade na politica e na repressão do fascismo. Igualmente no que diz respeito a certos funcionários da Universidade, que sabemos serem pilos ou informadores.

Estas as questões de organização mais urgentes sobre as quais a Comissão Democrática dos Estudantes de Coimbra quer tomar posição num momento em que se nos põe a necessidade urgente de avançar na discussão da Reforma Geral e Democrática do ensino, o que se liga directamente com a colaboração politica a dar ao futuro Governo Provisório.

C. D. E. C.